

BÍBLIA E ANGLICANISMO

O Anglicanismo tem dado importantes contribuições ao estudo científico da Bíblia. Na Inglaterra, formou-se uma escola de cientistas bíblicos que pregaram o estudo crítico das Escrituras, desde o fim do século passado, como atesta a "Encyclopaedia Bíblica", do Rev. T. K. Cheyne, publicada em 1914. Nos Estados Unidos da América do Norte, vários seminários fizeram estudos aprofundados da Bíblia, provocando o avanço teológico do sentido dos textos bíblicos, como prova o texto traduzido por nós, que faz parte de uma coleção chamada "The Church Teaching Series, publicada em 1979, pela ECUSA (Episcopal Church of USA).

Na América Latina, anglicanos e anglicanas têm acompanhado ecumenicamente o avanço da pesquisa bíblica. Nesta região experimentamos grandes produções com novas visões respeitando o que é Bíblia hoje, porém, ainda, como anglicanos e anglicanas, não temos dado uma contribuição específica. Qual é a visão bíblica do anglicanismo latino-americano? O fato é que, na América Latina, a Igreja Anglicana lê a Bíblia de diferentes formas: fundamentalista, científica, tradicional, etc. mas em termos de releitura bíblica latino-americana, que é o novo, estamos apenas começando.

A contribuição anglicana não será diferente à que foi dada em outros lugares, em termos de "ethos" ou forma de ser, da nossa Igreja, somos uma Igreja litúrgica por natureza e a Bíblia nos oferece uma história feita na caminhada de um povo que adora e luta. Por isso poderá haver uma grande identificação entre o anglicanismo e o povo hebreu e com as comunidades do cristianismo primitivo. É desta identificação que poderá surgir a contribuição anglicana à releitura bíblica latino-americana.

Somos uma Igreja aberta às diferenças e, por isso, profundamente ecumênica. A releitura latino-americana parte de um ecumenismo amplo, que une todas as pessoas que amam a vida e buscam a libertação. A Bíblia tem sido o principal fator de união entre as comunidades, as igrejas institucionais e as teólogas e teólogos latino-americanos. Ler a Bíblia na esperança da vida, e poder fazer isto com total liberdade, é outra forma como o anglicanismo pode contribuir à releitura bíblica latino-americana. Seguramente haverá outras formas de acrescentar nossa personalidade anglicana à revelação da vontade de Deus para o povo desta região empobrecida, mas rica em gente e natureza.

Também a releitura bíblica tem muito a contribuir para tornar o anglicanismo mais brasileiro e latino-americano. Todas as reformas, todas as transformações positivas da Igreja Universal ou Católica, vieram de leituras bíblicas. O anglicanismo que há tempo faz parte da América Latina ainda não se encontrou plenamente com a cultura e a realidade deste lugar. Este não é um problema só do anglicanismo, mas é uma necessidade inegável. A Bíblia, lida a partir da realidade latino-americana por anglicanos e anglicanas que vivem a sua Igreja, vai gerar cada vez mais um anglicanismo latino-americano comprometido e militante, somando-se às outras pessoas no esforço transformador e libertador de Deus.

Ser leitoras e leitores de Bíblia, no contexto em que vivemos, significa assumir uma missão integral que exige assumir a Palavra de Deus como Palavra da Vida. É uma Palavra que não poderá voltar à Deus vazia, sem ter cumprido a Sua Vontade e ter

realizado a Sua Missão (Is 55,11). É uma Palavra Urgente, pois muitas pessoas morrem como flores que murcham e capim que seca, sem ter sido seu chão regado com a Vida que vem de Deus. Com parte da Tradição Anglicana, devemos nos envolver nesta ação de Deus, mas só poderemos fazê-lo como portadores e portadoras da Palavra Viva.

No material que segue encontramos análises de diferentes usos da Bíblia na vida da Igreja hoje. No entanto, mais do que a utilidade ou não da Bíblia para a Igreja, pode-se constatar a necessidade da Palavra como impulsionadora das comunidades de fé. A palavra está em tudo dentro da Igreja, pois a Igreja deve ser uma amplificadora desta Palavra para que ela possa chegar “a toda criatura” (Mc 16,15). É por causa disto que devemos revisar o que estamos fazendo com a Palavra, se ela está sendo bem ouvida e refletida dentro das nossas comunidades, se nossa vida particular está sendo atingida pela Palavra, se nossa teologia está contaminada por ela, se nossa ação ética e moral espelha a ação da Palavra Libertadora, Salvadora e Redentora da Humanidade.

A tradução do capítulo 11 do Livro “The Bible for Today’s Church”, que transcrevemos a seguir, foi feita com total liberdade tentando ser fiel sem necessariamente ser exata, por isso para quem lê em inglês recomenda-se o uso do original.

O USO LITÚRGICO DA BÍBLIA

A leitura e interpretação de passagens bíblicas faz parte da adoração pública cristã desde os seus primórdios. Esta construção da adoração ao redor das Escrituras é uma incorporação cristã da prática nas sinagogas judaicas, nas quais a liturgia consistia em leituras da “Torah” e dos profetas e seu comentário. Jesus foi visto participando na adoração nas sinagogas em Lucas 4:16,17 e Paulo também é retratado nestas circunstâncias em Atos 13:15-16. Pessoas familiarizadas com os ritos da Oração Matutina e Vespertina do Livro de Oração Comum (LOC) podem facilmente ver que são essencialmente versões cristãs do ofício da sinagoga. Com uma percepção um pouco maior, alguém pode reconhecer que o mesmo é verdade para a primeira metade da Santa Eucaristia, a parte chamada de “Ofício da Palavra”, do Livro de Oração Comum.

A maior alteração cristã do rito da sinagoga era acrescentar diferencialmente as Escrituras cristã, o Novo Testamento, além do uso das Escrituras Judaicas, o Antigo Testamento. Esta mudança foi acontecendo a partir da metade do segundo século do Cristianismo, o que é possível perceber na descrição da celebração eucarística de um escritor desse período, Justino Mártir: “Em um dia chamado Domingo acontece uma reunião no lugar onde vivem nas cidades ou no campo, e as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas são lidos longamente conforme o tempo permite. Quando o leitor termina, o presidente, em um discurso, apela e nos invita para imitarmos essas nobres coisas” (1ª Apologia, pág. 67).

Judeus e cristãos tem seus alicerces na leitura bíblica, e pregam conforme ela, como o centro da sua adoração e desta forma tem sua experiência de Deus e vem entender a vida, o mundo, e a vontade de Deus para o seu povo. Tal experiência da presença de Deus e entendimento da Sua vontade, às vezes, não é um resultado natural da leitura.

* TORAH é a palavra hebraica para lei. Na Bíblia, a TORAH é o título dos primeiros cinco livros (PENTATEUCO) da Bíblia, como muitos leitores destes livros podem testificar.

O que segue então é uma série de sugestões práticas de formas, a que denominamos caminho, mais concreta a expectativa que tem de ouvir deus falar para você, quando a Bíblia é lida na adoração pública.

O primeiro caminho no qual pode fazer a Bíblia voltar para a vida é procurar nela a força da mensagem para hoje, e não simplesmente como a palavra fora da realidade, que pertence ao passado e era para o passado. Nós devemos reconhecer a Bíblia para aquilo que os primeiros cristãos a resgataram, a palavra de Deus para o presente. O tempo no qual os livros foram escritos originalmente, com as situações do seu próprio tempo e mentalidade, continuam para sempre a nos servir com um espelho no qual a fé procura a imagem do seu Senhor vivo e do povo de Deus Israel com a finalidade de entender quem é esse povo e o que ele deve ser. As histórias da tradição patriarcal, como a dos dois filhos de Abraão, voltam a falar várias vezes para ajudar Israel e a Igreja primitiva a atender novas situações na sua história. Da mesma maneira as passagens bíblicas que nós ouvimos hoje podem nos ajudar a entender o sentido de nossa situação.

Além de pensar na Bíblia como a Palavra de Deus para nós hoje devemos também pensar nela como sua palavra para nós, coletivamente e como indivíduos. A Bíblia é o registro dos encontros de um povo com seu Deus mais do que uma peregrinação espiritual de indivíduos solitários. Logo a finalidade da leitura bíblica na liturgia é chamar, todos nós, a olhar as implicações na comunidade e ao mesmo tempo suas implicações individuais, que vai além do que surge quando uma pessoa lê na sua devoção particular.

A palavra grega da qual se deriva "Liturgia" significa "o trabalho do povo". Isto nos dá um enfoque comunitário. A Bíblia foi escrita, preservada e transmitida por uma comunidade de fé e também é dedicada à comunidade. O lugar natural para ouvi-la e discuti-la é a comunidade, reunida para a adoração.

O segundo caminho para dar uma ênfase litúrgica ao caráter coletivo da Bíblia é envolver o povo leigo assim como o clero na sua leitura nos ofícios.

O terceiro caminho para que a Bíblia seja Palavra viva para nós quando a lemos na Igreja é sermos conscientes de colocar o texto bíblico dentro do momento do ano litúrgico. Podemos nos perguntar o motivo pelo qual essa seleção de textos é apropriada para a festa ou estação litúrgica que estamos celebrando nesse momento. Os trechos da Bíblia que são lidos na celebração, em cada dia do ano e para ocasiões especiais, estão listadas no LOC na seção chamada lecionário. Esse lecionário seleciona leituras para o ciclo da vida da Igreja seguindo uma seqüência anual, segundo a história da vida de Jesus, nas quadras que vão do Advento até a Páscoa e com o longo período de Pentecostes que abrange o resto do ano. Grandes pessoas na história da Igreja são lembradas nos dias santos e se prevê outras ocasiões especiais da vida da congregação e ordenações. As passagens bíblicas são escolhidas por serem apropriadas para as diferentes ocasiões em que são lidas. Associando-as com a ocasião para as quais foram selecionadas, podemos ter um significado adicional para nós.

O novo LOC não reproduziu o texto das epístolas e Evangelhos para cada domingo e dia santo como o fez o LOC de 1982. A razão principal para isto, é que, juntamente aos Católico-Romanos, Luteranos e outras denominações, os Anglicanos liam

as mesmas lições para cada dia na Igreja ano após ano, sem alterar as leituras no ciclo de três anos**. Isto triplicou a quantidade de textos no lecionário e fez com que a reprodução integral dos mesmos fosse inviável, impossível. Há outras vantagens no fato de não serem transcritos os textos no LOC. Por outro lado, se faz necessário que eles sejam lidos da Bíblia, que também é um livro usado no ofício, sendo uma lembrança de como é importante considerarmos a Bíblia como livro litúrgico.

** Ciclo A, B, C.

não estamos mais confinados a uma única tradução da Bíblia, mas podemos usar uma variedade delas. Desde que muitos lecionários denominacionais são quase idênticos, quem lê ganha o sentido coletivo da natureza da Bíblia, ao perceber que outros cristãos estão ouvindo o mesmo texto naquele mesmo dia.

O quarto caminho para assegurar que a Bíblia receberá toda a atenção quando é lida liturgicamente é acentuar as leituras com hinos modernos e também antigos que tenham os mesmos temas. Em diferentes momentos da liturgia em que são usados, os Salmos tem sido usados como:

- a) Intróito- Antecede as leituras bíblicas, tem como função preparar o povo para ouvir as leituras;
- b) Gradual- Hino, Salmo ou Canto que antecede a leitura do Evangelho. Chama-se assim porque era usado no momento de subir os degraus para fazer a leitura no púlpito;
- c) Ofertório- Como auxílio ao significado das "ofertas do povo" e como preparação para a Santa Eucaristia. (Ao mesmo tempo em que é preparada a mesa para a Comunhão.

*Os Salmos graduais, hinos do hinário ou os novos cantos podem ser usados com o mesmo propósito, reforçando o que é lido e ajudando suas próprias possibilidades de interpretação. A criatividade pode ser usada na música moderna com temas bíblicos e com orientação bíblica, tais como os "spirituals" ou "gospel songs" da tradição da Igreja dos negros ou alguma música de uso popular dos jovens de hoje. Tudo isto nos faz mais conscientes sobre o significado do que está sendo lido.

Existem muitas técnicas pelas quais membros da congregação podem participar tanto ativamente como passivamente na leitura pública da Bíblia. Elas podem, eventualmente, lendo antes, em casa, as passagens bíblicas selecionadas para o dia, antecipando assim o que será lido na Igreja. Em algumas paróquias, as leituras das lições bíblicas são precedidas da leitura de uma ou duas frases sumárias sobre o que será lido e assim o povo conhece, antecipadamente a temática das leituras. Alguns resumos podem também relatar parte do texto do mesmo livro que foi lido da Bíblia, na semana anterior, dando assim uma noção de continuidade. Grupos de discussões sobre os textos depois da leitura ajudam também a esclarecer o significado. Ou então o lecionário pode ser a base para a continuidade de um estudo bíblico dentro do programa paroquial de educação cristã.

A partir destas sugestões poderá perceber-se que a leitura da Bíblia não é mais um mero apêndice da liturgia. A leitura, a escuta e proclamação das Escrituras no meio do povo de Deus e sua própria Liturgia. A Liturgia da Palavra e a Liturgia dos Sacramentos são indispensáveis uma para a outra. As lições lidas da Bíblia nos dizem porque temos que ir juntos a adoração e afirmar-nos diante das implicações de nossa adoração para nossa vida cotidiana. A proclamação da Palavra de Deus nos prepara para uma experiência de nosso Senhor ressuscitado no partir do pão, como foram preparados os discípulos no

caminho de Emaús. Tendo seus olhos abertos no compartilhar da refeição após a ressurreição, os discípulos lembraram que tinham caminhado ao longo da estrada com o seu Senhor desconhecido que explicou a eles o significado da Bíblia. Então dizem um ao outro:

“Não ardiam nossos corações dentro do peito quando ele nos falava na estrada, quando ele abriu para nós as Escrituras?” (Lc 24,32)

PREGAÇÃO BÍBLICA

Uma parte da pregação é dedicada a persuadir aqueles que ainda não aceitaram Cristo a fazê-lo. O restante é dirigido diretamente aos que já são cristãos, num esforço de incentivá-los a colocar sua conduta dentro da fé que confessam. Toda pregação cristã serve então a estes dois propósitos, dedicado ao evangelismo ou a exortação. Realmente, durante o período no qual a pregação não foi incorporada nos escritos dos Evangelhos, foi passada adiante oralmente, de duas maneiras: como uma história individual ou como uma unidade de transmissão. As histórias ou discursos foram usadas como pontos de partida para muitos sermões ou para o ensino da fé. No entanto, nenhuma atividade tem sido mais característica da Igreja Cristã que o começo na pregação oral com a qual cresceu a pregação do Novo Testamento.

Estes dois propósitos (evangelístico e exortação) são ainda os que acontecem na pregação, às vezes através de formas que podem parecer o contrário. Depois que o método crítico se transformou na base da formação nos seminários, freqüentemente, muitos clérigos o tem como impecilho para a pregação a partir da Bíblia. As tentativas os deixam confortáveis, já que não vêem mais a Bíblia como uma verdade histórica literal. Por outro lado, isto não lhes mostrou que poderiam, e deveriam, pregar a partir da Bíblia. Assim, ironicamente, a ferramenta que foi criada para ajudar o clero a entender a proclamação bíblica mais profundamente, tem freqüentemente o impedido de basear na Bíblia toda a sua pregação.

Grande parte da culpa disto deve atribuir-se aos professores dos seminários que, por um lado, tem esquecido freqüentemente o propósito do seu ensino, que não é a crudição em si mesma, mas fazer o significado da Bíblia claro para o povo cristão. Por outro lado, têm negligenciado ensinar seus estudantes como a crítica bíblica pode ser utilizada como um recurso na pregação. O desenvolvimento da pesquisa crítica, de qualquer forma, tem provado ser uma grande correção para o fundamentalismo bíblico, desde que se leve em consideração uma das duas questões primárias: “Que proclamação quer fazer o escritor bíblico neste texto?” Os pregadores podem começar a pregação do seu sermão com esta pergunta. Quando os pregadores procuram quais as passagens das Escrituras que serão lidas no dia em que irão pregar, começam fazendo uma exegese com a crítica textual e continuam procurando a origem, forma sujeitos e objetos, e redação ou tradição crítica. Em tudo eles acabam sem dúvida consultando comentários, orientações exegéticas para pregadores. Eles poderiam começar fazendo seu próprio estudo para descobrir o que os escritores bíblicos tentaram comunicar aos leitores originais destas passagens. Quando esta resposta é estabelecida satisfatoriamente e testada em livros de

referência apropriados, o pregador então sabe sobre o que vai pregar e que proclamação fazer no sermão sob esta consideração.

O próximo passo da pregação de um sermão é descobrir que situação na congregação é análoga à situação no texto bíblico que será usado na pregação. Sintonizando isto, falta uma interpretação da congregação e da sociedade em que ela vive e com isso passar por dentro da interpretação feita do texto bíblico. O pregador que quer mostrar aos paroquianos como suas vidas são iluminadas pela Bíblia deve ter familiaridade com as suas vidas e com a Bíblia. Há muitas formas de adquirir essa familiaridade: atividades paroquiais, ouvir confissões, aconselhamento, todos os contatos pastorais que são feitos por um clérigo. Uma vez que o pregador participe da mesma cultura que a congregação, nenhum esforço pessoal é necessário para conhecer o que está acontecendo na cultura. Jornais, revistas, televisão, cinema, livros, e todas as outras formas de mídia servem como informação sobre os assuntos comuns e proporcionam o entendimento do que temos chamado de "indústria do conhecimento". Muitas vezes o pregador encontra dificuldade para adquirir alguma perspectiva sobre uma visão transcendental da sociedade para si mesmo e seus assuntos. Em relação a perceber o que realmente está acontecendo dentro da cultura, que é vista a partir de uma perspectiva cristã, o pregador necessita adquirir uma pregação teológica que o psiquiatra Theodore Reik chamou de "terceiro olho".

pelo uso da livre associação, o pregador descobre que a situação na congregação é análoga à situação do texto bíblico. Quando isto acompanha a construção do sermão, ele pode começar ao contrário, se a preparação dos sermão começa com a exegese dos textos bíblicos que serão lidos no sermão, este em si mesmo pode não começar com o texto, podendo começar onde o povo está. A primeira tarefa do sermão é descrever sua situação de forma tal que o povo a reconheça como a sua própria. Logo após, o sermão pode mostrar que há muito em comum entre o que acontece na vida da paróquia e o que é relatado na passagem bíblica que será lida no ofício. A tarefa final do sermão é aplicar o juízo, oferecido pela situação bíblica, na situação da comunidade. Em geral, tradicionalmente, os sermões têm começado pela Bíblia e só depois, colocada a relação com a vida contemporânea. O pregador pode às vezes, contar uma apaixonante curiosidade para os seus ouvintes sobre parte das Escrituras. A atenção pode ser levada rapidamente para sermões que começam: "Meu texto está baseado em..."; o povo fica muito mais à vontade para acompanhar o sermão até o fim quando este mostra que assuntos realmente relevantes para eles serão discutidos.

Este método de pregação bíblica está fundamentado na percepção de que, a despeito de todas as mudanças nas circunstâncias materiais da vida humana, depois que o último livro da Bíblia foi escrito, as circunstâncias básicas da vida humana não mudaram. Desta forma, na perspectiva de Deus, encontram modelo de conduta que permanece constante.

Procurar fora da Bíblia sua atitude como um modelo, se revelou como sendo do passado. Verdaderamente essa percepção erra primeiramente em ver a Bíblia como um interesse de curiosidade antiga. A importância da crítica bíblica é fazer com que as diferenças culturais não nos confundam sobre qual foi a situação no passado e qual foi a perspectiva divina naquela situação. É uma segurança, contam os entendidos. Por isso isto faz parte muito importante da preparação para a pregação. Ela pode dar aos pregadores a

confiança de que seus sermões podem penetrar no coração e na vida do povo porque eles são elaborados a partir do coração da Palavra de Deus.

BÍBLIA E EDUCAÇÃO CRISTÃ

Nos primeiros tempos, este não era um assunto fácil de se tratar porque o currículo da escola dominical tradicional poderia ser avaliado como qualquer pessoa quisesse e nada mais seria necessário. Agora, no entanto, existe uma grande disputa sobre o que é Educação Cristã, e poucos concordam sobre o que ela deveria conter. Isto seria impossível de descrever num curto espaço considerando as várias opiniões. Um ponto de vista será destacado de forma resumida. Leitores que concordarem com outros pontos de vista poderão, sem dúvida, saber onde olhar para se guiar em como usar a Bíblia nos programas de Educação Cristã, segundo seus pressupostos.

Os escritores entendem que não é suficiente para os seus estudantes de escola dominical (Church School), ou melhor, os membros mais jovens das suas congregações, aprender sobre sua religião. A questão crucial para eles é adquirir a fé cristã. Isto já foi apontado por John Westerhoff (em seu livro *“Terão fé nossas crianças?”*, de onde foram extraídas muitas destas idéias) considerando que existem quatro etapas no desenvolvimento da fé. Uma criança na pré-escola e nos primeiros anos da escola adquire “experiência” de fé através da experiência de ser membro de uma família cristã e pertencer à Igreja. Durante os últimos anos da infância e nos primeiros anos da adolescência se adquire a fé “afiliativa” no processo de auto-identificar-se com a instituição da Igreja no aprendizado do seu saber e ser aceito dentro dela. Durante o fim da adolescência, a fé freqüentemente caminha para a pesquisa, isto é, só o teste intelectual que for adequado pode ser descoberto. Se estes testes se processam com sucesso, jovens adultos estão prontos para se mover dentro da sua própria fé, na qual eles aceitam a fé da Igreja por si mesmos e começam a desenvolver estilos de vida de acordo com sua confissão cristã.

A estratégia de educação cristã baseada na intenção de facilitar o processo de sucesso através das quatro etapas de fé poderia, por um lado, promover o entendimento da Igreja sobre o andamento da vida da sua Igreja no dia-a-dia e poderia, por outro lado, obter uma quantidade especial de membros da congregação que estão preparados para se movimentar de uma etapa da fé para outra, para funcionamento do programa de Westerhoff, sugere-se o uso da hora anterior à liturgia de domingo:

“Porque a congregação - todas as idades juntas - estaria reunida antes da liturgia da manhã? Em primeiro lugar eles poderiam dar as boas-vindas a novas pessoas, estreitar a amizade entre si, aprender a ministrar ajuda para os necessitados - todos os que tem meios de se engajar na vida da comunidade. Em segundo lugar, o povo poderia se preparar para o ritual matutino aprendendo hinos, antifonas, e outros aspectos da liturgia, fazendo assim sua participação mais cheia de significado. Em terceiro lugar, a liturgia pode ser engajada se o lecionário (lições das Escrituras que serão lidas e refletidas na pregação) é usado para prover conteúdos para a diversidade de experiências educacionais entre as gerações e discussões sobre todas as formas de adoração - crianças, jovens e adultos” (*Terão nossas crianças fé?*, págs. 57, 58).

A participação em cursos especiais de estudos podem ser oferecidos para aqueles que estão prontos para fazer a transição para uma nova etapa da fé. Para a Educação Cristã de adultos, Westerhoff recomenda, acrescentando às experiências entre gerações mencionadas antes, cursos curtos que podem ser freqüentados por grupos homogêneos; versando sobre assuntos que lhes interessam; estes grupos podem depois resultar num programa de ação.

Em seu livro "Exploring the Bible With Children", um sistema foi descoberto por Dorothy Furnish para quem o tipo de conceito intergeracional defendido por Westerhoff é um dos métodos de ensino recomendados. Verdadeiramente, suas idéias sobre o tipo de pesquisa que poderiam se atingir, são muito compatíveis com os pressupostos de Westerhoff para possibilitar que nossas crianças tenham fé. Contrapondo-se a alguns motivos inadequados que afastam as crianças dos Estudos Bíblicos, a teoria que o Estudo Bíblico constrói o caráter, a crença que os dados bíblicos acumulados na infância serão importantes para um uso posterior, ou a assimilação de que a "mensagem" da Bíblia pode ser ensinada às crianças, Dorothy Furnish afirma: "Nós queremos para nossas crianças o que queremos para nós mesmos. Queremos que as crianças comecem a desenvolver o senso de serem pessoas especiais dentro de sua tradição especial. Queremos que elas comecem a encontrar heróis e heroínas na tradição judaico-cristã assim como na história secular. Queremos que abram a Bíblia para que Deus possa usá-la para dar significado as suas vidas em todos os níveis e em todos os caminhos possíveis. Queremos que as crianças conheçam a Bíblia e assim poderão ser desafiadas por ela. Queremos que a Bíblia ocupe uma parte importante do "novo" mundo das crianças. E queremos que tudo isto suceda em seu presente, não em seu futuro" (pág. 96).

Em contraste, teóricos americanos afirmam que as crianças não estão aptas para o pensamento religioso e, conseqüentemente, não estão preparadas para a Bíblia até os últimos anos da escola primária. Fornecer pontos fora de todos aqueles que poderiam ser ensinados sobre nossa religião é pensar em conceitos. A maior parte do conteúdo da Bíblia são histórias. Isto deve ser planejado para um atraente aprendizado para crianças relativamente jovens se forem usados os métodos apropriados. Esses métodos deveriam inicialmente contar histórias, envolver trabalho artístico em relação às histórias, músicas sobre as histórias, dramatizações sobre as histórias. O conteúdo não deve ser analisado através de perguntas sobre os fatos narrados, pensando que o professor não poderia colocar uma moral (geralmente pouco convincente) como o significado das histórias.

As crianças podem perceber o significado das histórias no seu próprio nível. O professor pode começar perguntando o que a história significa para eles, reconhecendo que não haverá significados errados ao responder a pergunta. O professor pode também estar disposto a dizer o que essa história significou. A partir da pluralidade dos significados o professor pode perguntar: "o que tu pensas que esta história significou para as primeiras pessoas que a ouviram?" Depois destas perguntas serem utilizadas, as crianças estarão capacitadas para considerar o que essa história pode significar para a Igreja hoje, assim como dentro do seu próprio contexto referencial.

As crianças estarão também capacitadas para absorver uma grande bagagem bíblica inconscientemente se isto é colocado para elas de forma correta. Muitos destes detalhes podem salientar a caminhada para dentro da narração da história. Informações sobre o tema da Bíblia, os costumes dos tempos bíblicos, algumas formas literárias da

Bíblia, e também como se formou a Bíblia, podem ser colocadas nesta forma de trabalho. Durante os anos básicos, as crianças podem também adquirir algumas habilidades com a Bíblia como aprender a procurar passagens na Bíblia ou como usar uma simples concordância bíblica ou um dicionário bíblico.

Essas experiências em Estudo Bíblico são importantes não somente para que as crianças conheçam textos sagrados da sua religião, mas os farão sentirem-se parte da comunidade de fé que tem seus primórdios históricos registrados na Bíblia e que continua a existir hoje em sua própria Igreja.

ESTUDO PESSOAL DA BÍBLIA ADQUIRINDO AS FERRAMENTAS

Existem muitas razões porque o pensamento cristão procura estudar a Bíblia: alguns podem estudar com o propósito de ensinar outros, ou o estudo pode ser uma disciplina pessoal dentro de um período específico do Ano Cristão como Advento ou Quaresma, ou poderia ser um esforço próprio para se tornar melhor informado como cristão, ou ainda ter outras excelentes razões. O centro de estudo da Bíblia é ouvir mais claramente o que Deus revelou aos escritores sagrados e o que eles revelaram através das suas palavras para nós. Os autores bíblicos queriam que seus ouvintes originais ouvissem-nos focalizarmos a palavra bíblica dentro do seu contexto histórico e cultural. O estudo pessoal consiste em elucidar o significado histórico ou literal das palavras e das histórias da Bíblia. Só depois de nós elucidarmos o que significam as palavras dentro do seu contexto original, poderemos começar a examinar o que poderiam significar para nós aqui e agora.

Três ferramentas principais são necessárias para o sucesso deste assunto: a) a Bíblia em si mesma, se possível em duas ou três traduções; b) apoio em literatura secundária como dicionários bíblicos, comentários e outros livros sobre o momento histórico e interpretação teológica; c) nossa inteligência própria e original e nosso prejudicado senso comum com o qual poderemos formular as perguntas corretas ao texto bíblico e confiança nas respostas recebidas para obter o pleno significado do texto. É necessário selecionar entre as muitas traduções disponíveis hoje. Especialmente podem ajudar algumas edições que apresentam artigos explicativos e notas de rodapé (...). essas diferentes traduções são necessárias para quem não esteja familiarizado com as línguas bíblicas originais, porque nem todas as traduções da Bíblia contêm todas as variações do original. Ter o mesmo versículo de muitas formas diferentes nos assegura que poderemos abordar o ponto certo independentemente do que pode sugerir algum "acidente" da língua portuguesa. A literatura secundária é justamente isto: secundária em relação ao texto primário, que é a Bíblia em si mesma. Um bom dicionário da Bíblia é inestimável para identificar pessoas, lugares objeto e conceitos.

Os comentários dão versículo-a-versículo interpretações de livros bíblicos. Além da análise versículo-a-versículo, em geral têm resumos introdutórios de cada livro bíblico assim como artigos de arqueologia bíblica, geografia, história, lei, etc. os resumos introdutórios podem ser lidos antes que alguém comece a estudar um livro bíblico com o

propósito de obter uma visão panorâmica do mesmo, assim como aprender o momento histórico e teológico. Os comentários também incluem bibliografias que guiam o leitor para uma mais profunda e detalhada leitura sobre os assuntos em consideração.

A ferramenta mais importante depois do texto da escrita em si mesmo é nossa própria inteligência e senso comum. Isto significa que nos aproximamos do texto com uma mente aberta mas não vazia. Nós conseguiremos o pleno significado do texto se não impusermos ao texto o que pensamos que deveria significar. Isto significa que devemos deixar de lado nossos preconceitos para poder ouvir o que o escritor bíblico está tentando dizer. Isto não significa que possamos nos aproximar da Bíblia sem fé, mas, que podemos nos aproximar dela com uma mente aberta para o que realmente foi dito, independentemente de nossas expectativas, que venham confirmar nossas opiniões.

CONVERSAS COM A BÍBLIA

A melhor forma de estudar a Bíblia é agir como se estivesse dialogando com ela. Melhor ainda, pode imaginar você mesmo dirigindo uma entrevista. Você está procurando manter uma conversa com o texto, colocando perguntas para ele e escutando as respostas. O mistério do estudo da Bíblia e o de se engajar nele é que nós estamos dentro de um diálogo não só com as palavras do texto, mas também com o encontro divino-humano, através do qual as palavras trazem esperanças. Mesmo tendo começado como o interrogador, rapidamente veremos que somos chamados para dentro da pergunta. Frequentemente nossos pressupostos são desafiados. Antes que sejamos amedrontados por isso nós podemos aceitá-lo como um sinal de que começamos a ensinar e ser ensinados pela palavra divina. Entrevistando, os repórteres provavelmente perguntam cinco questões: quem, que, quando, onde e por que. O estudante da Bíblia deve também perguntar cinco questões básicas. A primeira é: quais são as palavras autênticas da passagem? Isto é para perguntar qual é o texto original, que foi que o autor escreveu realmente! Procurar isto é um alto processo técnico, conhecido como crítica textual. O estudante amador da Bíblia pode tomar alguma decisão vendo o que vários leitores anotaram nas notas de pé de página de várias traduções e nos comentários.

A segunda questão é: o que são os marcos literários que fazem desta passagem uma unidade distinta, ou perícopo, usando o termo técnico. Em outras palavras, como foi que esta passagem chegou ao interior do livro. Como um osso que só pode ser entendido como parte do esqueleto, a passagem deve ser vista como parte do argumento de todo o livro. Por trás das palavras do livro notamos as linhas mestras e o progresso da ação. Logo, vemos o que nossa parte faz dentro disto. Se a passagem não é narrativa, por exemplo, uma coleção de leis ou provérbios, nos perguntaremos o que tem em comum com outros que encontramos juntos como uma unidade.

A terceira pergunta é a respeito da identidade de quem fala e da sua audiência. Quem está falando aqui, para quem ele fala, o que propõe? Isto é importante para achar não só o nome do autor mas de onde ele veio e qual tradição ou ponto de vista que ele representa. Sacerdotes, profetas, reis, sábios e poetas, todos falam linguagens diferentes e usam as criações literárias próprias do seu labor. Sua audiência pode também diferir. A

forma que os sacerdotes dirigem-se aos adoradores no Templo não é a forma como um profeta fala para uma multidão. Um rei dirigindo-se aos seus súditos difere de um professor ensinando aos seus alunos. A ajuda que esta identificação do orador oferece para entender a passagem é como a ajuda que temos para saber qual é a cena que vemos na televisão, se é uma notícia, parte de uma comédia, uma história dramática ou um comercial. O sentido que lhe damos depende do propósito para o qual pensamos que foi usada.

A quarta pergunta é: o que significam as palavras do texto no seu contexto original histórico e cultural? Aqui o questionador está perguntando o que as palavras ou unidade significam na linguagem plena do tempo. O foco está no significado literal das palavras, frases, e conceitos da passagem no tempo em que foi escrita.

Finalmente nosso diálogo com o texto pergunta a última questão: como foi usado o significado original do texto, depois dentro da Bíblia em si mesma e dentro da tradição judaico-cristã no restante dos anos? Neste caminho, podemos começar a perguntar o que o texto significa hoje. A Bíblia, como a Palavra Viva de Deus, significa mais do que seu significado histórico original. Isto fica claro com a repetição de relatos sobre os patriarcas, a reutilização que fazem os profetas de antigas profecias, e no Novo Testamento, onde há uma reciclagem da Bíblia Hebraica. Cada geração ouviu a Palavra de Deus renovada para os próprios tempos e circunstâncias, para os cristãos contemporâneos, que são produtos de consciência histórica de hoje, o que significa mais do que literal da Bíblia só poderá ser obtido depois de estar familiarizados com a plenitude do significado histórico. Não poderemos sair de nosso tempo e lugar e transportar-nos a uma esfera atemporal onde as verdades são eternas e não estão condicionadas pela história concreta.

O estudo pessoal da Bíblia, através deste exercício de pergunta e resposta, leva a abrir nossos corações para o poder imanente e dinâmico da palavra escrita de Deus. Estes passos nos levam do significado original para o significado presente do texto. Porque Deus está continuamente revelando sua vontade para seu povo, mas não poderemos estar satisfeitos com o que achamos que a Bíblia está dizendo para nós hoje. Devemos procurar testar e enriquecer a palavra hoje com o que significava quando falou primeiro e quando foi usada através das gerações.

O USO DA BÍBLIA NA DEVOÇÃO PRIVADA

A Bíblia tem estado no coração da espiritualidade pessoal por muitos séculos. Uma quantidade de salmos, por exemplo, foram escritos para expressar a alegria de meditar a Torah dia e noite. Os primórdios do movimento monástico cristão no deserto egípcio era centrado ao redor dos eremitas que memorizavam todos os salmos e passavam seus dias recitando-os. Traduções da Bíblia na linguagem popular no tempo da Reforma começaram uma forte tradição de espiritualidade leiga focalizada na leitura diária da Bíblia.

Em alguns momentos, deve ser dito que, muitos cristãos, que queriam, crescer mais perto de Deus, tentaram fervorosamente esforçar-se para ler a Bíblia só para ficar atolados e desencorajados, sentiram que estavam bastante longe de uma experiência que deveria ser reservada para alguns privilegiados.

Em algumas ocasiões eles começam com a intenção de ler a Bíblia direto, de “ponta a ponta”, como fala o ditado. O esforço talvez não consiga ultrapassar o quinto capítulo de Gênesis, o qual está cheio de frases como: “E Macalael viveu sessenta e cinco anos e nasceu Jared, e Macalael viveu depois de nascer Jared oitocentos e trinta anos, e nasceram filhos e filhas, e no todo os dias de Macalael foram oitocentos e noventa e cinco anos, e ele morreu” (Gn 5,15-17). Quando isto ou algo semelhante acontece, eles decidem que a Bíblia irá significar um livro fechado para eles.

Muita gente será bem preparada para levar para dentro da leitura devocional da Bíblia uma escola mais modesta no início que sair lendo tudo direto. O uso de um devocionário diário para guiar a leitura das Escrituras, alguns versículos para cada dia, é a melhor forma de andar passo a passo. Sementes (Forward Day by Day), que é possível conseguir nas paróquias, é um bom exemplo disto. Um de seus mais fortes defensores era Duke Ellington:

“Sempre, desde que eu vi a primeira edição, esse pequeno livro tem sido minha leitura diária. É claro, de fácil entendimento, escrito na linguagem da gente comum, e sempre fala coisas que eu quero saber”(*)

quando alguém sente-se logo motivado para tentar a leitura da Bíblia livro a livro existem melhores seqüências para ler do princípio ao fim. Alguns cristãos entendem o Antigo Testamento através do Novo, o melhor é então começar pela vida de Jesus no Evangelho segundo Marcos. Depois disto, é bom passar para a história da Igreja primitiva em Atos. Muitas cartas de São Paulo podem ser lidas depois disto. O próximo passo é se voltar para o Êxodo no Antigo Testamento, Josué, Juizes, 1º e 2º Reis. Depois disto possivelmente Amós, Oséias, e Isaías ou Jeremias. O interesse de cada pessoa poderá ser provavelmente um bom guia depois disto.

A distinção entre um estudo bíblico e uma leitura devocional deve ser lembrada. A intenção não é tanto o sentido histórico e sim aplicar a Bíblia à vida de cada pessoa, de engajar os sentimentos pessoais na Palavra de Deus e seus atos magníficos. Esta sugestão foi dada pelo Bispo John Coburn em relação às orações da Bíblia e pode ser transferida para toda a leitura devocional das Escrituras: “fazer a leitura tu mesmo, lendo lentamente como se fosse endereçada para ti”, isto pode ser feito nos Salmos, em princípio, enfatizando todos os pronomes na primeira pessoa, como no Salmo 23 do Livro de Oração Comum:

“O Senhor é MEU pastor;
nada ME faltará.
Faz-ME repousar em pastos verdejantes;
ao longo das tranqüilas águas ME conduz.
Reanima MINHA alma;
guia-ME pelos caminhos da justiça, por amor de seu Nome” (Sl 23,1-3)

As cartas de Paulo podem ser lidas como se você fosse parte da congregação para quem elas foram escritas. Algumas vezes os acadêmicos usam dois termos em latim para se referir aos dois sentidos da Escritura. Eles falam do sentido *extra nos*, fora de nós, que é o objetivo do sentido histórico. Também falam do sentido *pro nobis*, para nós, que é o sentido subjetivo e devocional. Os dois não estão sempre juntos. Às vezes pode não ser

convicente que Jesus acalmou uma tempestade no mar em comparação a acreditar que Ele pode trazer Paz para nossas vidas tempestuosas.

Para este esforço de fazer as leituras nós mesmos da forma tecnicamente definida como meditação é um curto passo. Meditação é um exercício de resposta espiritual a uma passagem da Bíblia, especialmente a uma história da vida de Jesus. O exercício tem três passos que são variadamente definidos por diferentes escritores.

O Bispo Coburn listou os passos desta forma:

1. Imaginar a cena bíblica,
2. Ponderar sua mensagem,
3. Prometer a Deus algo como resultado.

O Bispo Primaz, por outro lado, falou de três passos: Deus na minha cabeça, Deus no meu coração e Deus nas minhas mãos. O primeiro passo é recriar a cena na imaginação. Uma técnica é imaginar que você é um dos personagens da história e pensar o que você contaria se passasse com outra pessoa. O seguinte passo é responder o que a história significa, o que Deus tentou fazer, o que está tentando dizer a você através da história. Finalmente, você manda você mesmo para uma ação concreta, não importa quão pequena ela seja, para firmar o que você ganhou a partir da meditação.

Algumas vezes, a meditação pode ser feita em grupo. Um método particular foi recomendado por Walter Wink. Ele sugeriu que os membros do grupo façam uma tarefa de casa procurando os dados histórico-críticos da passagem e comecem a reunião discutindo a passagem exegeticamente. Depois disto, o grupo tentará desenhar a cena. O próximo passo, o qual é muito efetivo, é desenhada uma técnica psico-analítica proveniente dos métodos de Carl Jung. No tratamento Junguiano dos sonhos, o sonhador não é identificado somente por ele mesmo no sonho; cada personagem no sonho representa uma faceta da dinâmica subjetiva da personalidade. Transferido para a meditação em grupo a Bíblia, a técnica motiva os membros do grupo a participar na reflexão, por exemplo, na parábola da cura do paralisado vendo qual faceta de si mesmo foi curada por Cristo como foi o paralisado, que outras facetas de si mesmo são mais como o escriba que se opôs a cura por ter sido no sábado.

No uso devocional da Bíblia, cristãs e cristãos podem ouvir Deus falando para eles através da sua Palavra diretamente como, por outras formas.

O USO DA BÍBLIA NO EVANGELHO

Existem quatro tipos de atividades envolvidas no evangelismo: convencer não-cristãos para se tornarem cristãos, recrutando membros inativos ou membros afastados de outros corpos cristãos para o nosso, oferecer assistência a jovens adolescentes ou adultos jovens membros de nossa própria Igreja a se mobilizarem para colocar à prova nossa fé e ajudar membros adultos de uma de nossas igrejas a renovarem a sua fé. Diferentes usos da Bíblia são apropriados para cada caso. Os movimentos de renovação são muitos para poder discutir todos adequadamente aqui. Ajudar gente jovem a se mobilizar para testar nossa fé é um assunto discutido no treinamento da Educação Cristã. Neste ponto, por isso

mesmo, limitaremos a discussão em ajudar não-cristãos a se tornarem cristãos e não-anglicanos a se tornarem anglicanos.

Para aqueles que não aceitam a fé cristã a necessidade é mostrar que a vida humana, como eles a tem experimentado, está descrita mais adequadamente na Bíblia do que em qualquer outro lugar. A forma usual de apresentar isto é começar com o sentido não-cristão de alienação dos outros, do Universo de si mesmo, de Deus. Pode ser experimentado por uma pessoa qualquer no sentido de culposidade ou na perda do significado da vida. Em outro caso o entendimento bíblico no qual o significado de ser humano é conseguido por aquelas pessoas que o aprendem no primeiro momento por um choque de reconhecimento. Esta pessoa pode oferecer a esperança da reconciliação, da alienação superada, o que o Novo Testamento coloca através de Jesus Cristo. A pessoa leiga que se dedica a mostrar a fé desta forma pode adquirir facilidade para a mensagem bíblica ou pode tentar levar o não-cristão para alguém ou algum lugar onde encontre mais informações para o estudo da Bíblia.

Geralmente não-cristãos poderão ter pré-conceitos anteriormente adquiridos sobre a Bíblia como resultado de apresentações desapropriadas, que acontecem anteriormente. Então, também, muitos não-anglicanos poderão estar insatisfeitos em relação a sua igreja originária, precisamente porque não podem aceitar sua aproximação literalista da Bíblia. O descobrimento de que a Igreja Anglicana toma a Bíblia com seriedade, sem interpretá-la literalmente, pode ser a melhor notícia que tenham recebido. Por um longo tempo eles poderiam ter querido ser cristãos de todo coração e ter muitos sentimentos de culpa porque suas mentes estavam resistindo a aceitar a apresentação das Escrituras feitas por sua denominação. Aprender que alguém pode ser cristão e ao mesmo tempo ter dignidade intelectual como cidadão do século vinte pode ser uma experiência de grande relevo e realização para estas pessoas.

Tão importante quanto a Bíblia para um programa de evangelismo, é lembrar que há outros aspectos envolvidos. Para anglicanos e anglicanas estará geralmente dirigido para convidar pessoas que podem se converter para ir a igreja e por isso a liturgia pode causar este impacto nelas. Aqueles que sentem o poder de deus através da adoração do Livro de Oração Comum (incluindo o uso litúrgico da Bíblia) estarão motivados para voltar. Quando a participação se torna um hábito para eles, pode ser convidado para receber formação para ser membro. Depois de serem iniciados na igreja, eles poderão se integrar dentro da vida da congregação pelo começo de um trabalho. Depois disto eles poderão ser encorajados a descobrir as pessoas que como eles mesmos necessitam ouvir o Evangelho Cristão como é recebido nesta igreja. Conversão não é só uma transição privada do indivíduo com deus; é uma integração como uma comunidade do povo de Deus o qual tem suas origens registradas no Antigo Testamento e qual tem sua vida hoje nas paróquias onde cristãos reúnem-se para adorar.

A AUTORIDADE DA BÍBLIA PARA A TEOLOGIA

Uma visão ingênua da relação da Bíblia com a teologia é que a teologia consiste em colocar de forma sistemática tudo o que a Bíblia tem a dizer sobre os vários tópicos da

fé cristã como Deus, Cristo, o Espírito Santo, a Igreja e assim por diante. O Anglicanismo tem usualmente reconhecido que há três fatores envolvendo a teologia: A Bíblia, a Tradição e a Razão.

A necessidade desta visão mais ampla que constitui a Teologia pode ser ilustrada nas diferentes formas que a história de Issac e Esaú foi entendida nos diferentes períodos da história primitiva de Israel. A visão da realidade da sociedade não é a mesma de um período para outro, mesmo pensando sobre os princípios básicos que a sociedade mantém iguais. Como os sociólogos do conhecimento dizem, uma determinada cultura "constrói uma realidade" diferente em tempos diferentes. A fé duradoura, por isso, poderá ficar restrita aos pressupostos que foram feitos em cada geração.

Dizer que a Bíblia tem a autoridade para a fé cristã é dizer que a igreja hoje é uma comunidade junto a Israel e a igreja primitiva, e que isto é a essência de cada comunidade de um período posterior da história. Esta comunidade é uma experiência clássica normativa de Jesus e de Deus na história de Israel que ainda expressa sua forma básica hoje.

A TRADIÇÃO é, além de outras coisas, o registro do esforço da Igreja em expressar a fé da Bíblia nos termos da visão da realidade comum em todos os períodos desta história. Obviamente alguns destes esforços tiveram mais sucesso que outros. Os que tiveram menos sucesso foram rejeitados pela Igreja como heresia. Os melhores sucedidos permaneceram autorizados para nós hoje como exemplo de como a fé bíblica pode ser reproduzida em forma de pensamento para uma época posterior e ainda pode servir para compreender situações e conhecimentos que não foram previstos pelos escritos bíblicos.

Dizer que nós usamos a Razão em teologia não é afirmar que temos acesso a certa lógica fora do tempo. É correto dizer que temos que estabelecer nossa fé cristã dentro do entendimento da realidade na qual ela se dá no nosso próprio tempo. Algumas vezes significa usar as formas de pensamento de nosso tempo para demonstrar a inadequação de pressupostos contemporâneos que não tem concordância com a fé cristã.

Os psicólogos que se especializam na forma das pessoas aprenderem têm mostrado que todas as impressões ou sensações recebidas são selecionadas pela mente de acordo com sua concordância com o entendimento do Universo no qual a ela se formou. Sensações que concordam com este quadro são assimilados por ele. Se as sensações não concordam, mas são suficientemente persistentes, o quadro deverá ser revisado para acomodar os novos dados.

As sociedades andam muito através dos mesmos processos que os indivíduos. A maioria do povo em uma sociedade compartilha da idéia básica da natureza da realidade. Esta visão é compartilhada mais profundamente pela pessoa comum, que nunca pensou nisto como uma visão, quando a visão é assumida após ter feito uma percepção direta da realidade. A nova informação é adquirida e às vezes isto indica que a visão é apenas uma visão e não uma realidade em si mesma, e também pode mostrar que a visão é inadequada. A construção da realidade, então, consiste na necessidade constante de alguma legitimação ou revisão. Os cristãos elaboram uma subcultura dentro da cultura majoritária. O assunto da teologia é mediar entre a fé histórica da igreja e nossa sociedade constantemente revisada, construindo a realidade. Como já apontamos uma das qualidades de uma boa lei é sua capacidade de ser entendida para novas situações que não

foram previstas na sua intenção original. É o mesmo tipo de extensão dos princípios da fé cristã crescendo fora da Bíblia, dentro de uma sociedade que acontece na Terra girando ao redor do sol que está a 93.000.000 milhas longe, e o sistema solar sendo parte de uma galáxia dentro de um número provavelmente infinito de outras galáxias, um Universo que tem bilhões e alguns milhares de anos de idade, onde a vida humana se envolve com outras formas mais simples de vida e em última instância com a matéria inorgânica, e assim por diante.

Teologia consiste na construção destes espaços. Não é necessário dizer que uma boa parte de erro acontece; alguns espaços são mais adequados que outros. Geralmente não distinguidos imediatamente qual é qual. Algumas vezes toma a Igreja como uma geração ou só se apresenta como um consenso sobre propostas de espaços que são aptos, fechando-se para outros.

A prova da adequação de alguma proposta, todavia, é a concordância do espaço que ele ocupa. A Bíblia, à qual a Igreja se adapta de acordo com Jesus e com a experiência de Israel com Deus, fornece os princípios que serão estendidos para olhar novas situações. Isto também serve como padrão para aqueles espaços que devem ser testados. A tradição é a história da aptidão de espaços que foram criados através de séculos e também oferece modelos para criar espaços aptos. A razão é a construção de nossa sociedade na qual a fé bíblica deve se estender. Isto toma os três - Bíblia, Tradição e Razão - para ter uma teologia que seja adequada aos padrões anglicanos.

USAR A BÍBLIA COMO APOIO PARA DECISÕES MORAIS

Um caminho para se guiar dentro da Bíblia nas decisões morais que devemos tomar na nossa vida diária seria passar por dentro dela e descobrir as normas que recomendam um tipo de ação e condenam outra - isto é: "você deve e você não deve" - então quando acontece uma determinada situação nós deveríamos procurar uma regra apropriada. O problema de fazer isto é que o ponto de partida das pessoas que escreveram a Bíblia é não só pré-tecnológica mas pré-científico. Eles vieram há muito tempo de culturas orientais e agrárias. Nós, de outro lado, temos um ponto de vista que é do século vinte, ocidental, tecnológico, e urbano. A Bíblia não só dá relatos permanentes e válidos de encontros divino-humanos, mas também reflete um ponto de vista cultural condicionado que nós não podemos partilhar hoje.

Os escritos bíblicos, desta forma, aceitam sem questionamentos um número de instituições e atitudes que são ofensivas para a sensibilidade moral contemporânea. Escravidão e a inferiorização das mulheres não são aceitas pela maioria das pessoas. Ao mesmo tempo a vida contemporânea envolve julgamentos complexos que os escritores sagrados jamais imaginaram, como nossa hostilidade para mudar nosso meio ambiente, produzindo bebês de proveta, prolongando a vida, e destruindo o Universo. Nós podemos ver algo que temos em comum: as reivindicações dos profetas como Amós por justiça social ou a atitude diante de deus e do próximo nos Dez Mandamentos ainda têm uma relevância óbvia. Também outras partes da Bíblia - como as visões incríveis de Daniel - vistas para oferecer um pequeno guia moral para os cristãos contemporâneos. Não sendo

o caso da legislação alimentar e cltica do Levítico (no entanto isto ainda é importante para a prática de judeus ortodoxos).

As mudanças das demandas morais para as novas gerações, todavia, poderia vir sem surpreender ninguém que tenha familiaridade com a Bíblia. Jesus, por exemplo, pregou exclusivamente para seu próprio povo, e ele mesmo observou a Torah. Depois da sua ressurreição, contrariamente, os gentios, assim como os judeus, que foram chamados para fazer parte da fraternidade de salvação da sua Igreja, deixaram os costumes judaicos no passado. Nos Atos dos Apóstolos e nas Cartas está o testemunho de novas atitudes e novas ações que emergem dentro da igreja, não como reação contra o velho Israel mas como resposta da contínua presença de Deus na Igreja, tirando essas condutas do registro bíblico em si mesmo a comunidade cristã sempre olha para Deus como uma realidade presente e futura assim como nós quando olhamos para o passado. A identidade de um cristão hoje, assim mesmo, é dada não só pela Bíblia mas também pela Igreja e assim tenta viver sua vocação no mundo de hoje. A Bíblia registra encontros de Deus com a comunidade do povo na história passada. A Igreja hoje é a última geração desta comunidade e ainda está se encontrando com o mesmo Deus nos eventos na história cotidiana. Precisamente porque Deus está ainda chamando seu povo para frente, nós esperamos expandir o juízo do que é bom e que se espera de nós. Então o fato que as situações bíblicas não existem mais e situações desconhecidas para o mundo bíblico existam hoje não precisa paralisar quando tentamos, como cristãos, fazer igualmente escolhas modernas. A aplicabilidade de atitudes bíblicas para a moral contemporâneas se torna mais bvvia quando lembramos que os padrões de Jesus não são pensados por nós como leis que devem ser obedecidas, mas como um convite a experimentar como será nossa vida quando vivida no Reino. Sendo assim, a tese básica deste livro que a Bíblia ensina mais através de histórias que têm uma variedade de aplicações em novas situações que através de normas explícitas com duros e firmes princípios - também leva-nos a ter a expectativa de que a moral bíblica ensina mais em perspectivas do que em leis. Para mergulhar nas histórias e no ensinamento de Jesus sobre o Reino, os cristãos adquirem um tipo de postura diante da vida, um tipo de atitudes ou perspectivas que fornecem o contexto no qual cada decisão moral  tomada. Esta é a totalidade das perspectivas que constróem o caráter cristão. As virtudes cristas resultam do esforço de aplicar essas perspectivas para decisões morais particulares. Deste ponto devemos fazer uma afirmação parenética* de extrema importância. O individualismo cristão não é deixado completamente só para fazer decisões. Uma forma de descrever a Igreja  que é a comunidade que tem perspectivas bíblicas em situações morais e que está constantemente engajada em encontrar os caminhos nos quais estas perspectivas se aplicam à vida contemporânea. Toda escolha moral crista, então, é feita dentro do Corpo de Cristo sendo informada pelo corpo.

Os símbolos expressos nos últimos parágrafos foram colocados de forma abstrata e precisam ser ilustradas. Dois exemplos podem mostrar estes principais trabalhos: tecnologia e revolução. O problema moral da tecnologia começou a existir desde o último século, quando a tecnologia em si mesma começou a existir. Uma idéia de problemas morais é a ecologia reconhecida pelas pessoas em geral há uma década aproximadamente. A as perspectivas bíblicas podem fornecer para nós os elementos para tomar decisões morais mesmo num campo totalmente novo. Aqui, como em todas as outras, as

perspectivas não são nitidamente concordantes umas com as outras: o Jesus chamou-nos para dar a outra face é o mesmo que usou um laço e tirou as mesas dos cambistas para fora do templo. As várias perspectivas podem ser comparadas com o raio laser usado na fotografia holográfica para criar imagens tridimensionais. Assim nós trazemos para o assunto da tecnologia nossa perspectiva e criação. Nós reconhecemos que a Bíblia vê a criação não somente como algo que aconteceu no passado, mas é um processo em andamento no qual novas realidades emergem continuamente, assim como a criação do povo de Deus e a provisão da redenção em Cristo. Mais, nós vemos que nossas expectativas da segunda vinda de Cristo orientam-nos para adiante do futuro e levam-nos a acreditar que o significado da história emerge com toda sua claridade somente no seu fim. Neste significado é que nós podemos ver a tecnologia como parte do trabalho contínuo da criação de nos alegrar nele. Esta esperança, todavia, deve ser acompanhada de nosso reconhecimento do caráter sagrado da criação pelo conhecimento de que “a terra é do Senhor”. Por isso devemos cuidar dela e amá-la. Tecnologia deve ser usada para a causa da humanidade e da criação de Deus e nunca pode ser tratada como um fim em si mesma. Como o Sábado que foi feito para as pessoas e não as pessoas para ele. O mesmo quando falamos sobre libertação que é uma poderosa imagem bíblica sendo a realização do povo hebreu contra a escravidão do Egito, fornecendo um campo bíblico para todos os esforços revolucionários para retirar as amarras da opressão. A reivindicação bíblica de justiça e o entendimento da redenção são também perspectivas que influenciaram o pastor alemão e teólogo. Dietrich Bonhoeffer, a participar no atentado para assassinar Hitler. Por razões semelhantes o Conselho Mundial de Igrejas deu seu apoio à geração posterior na ação das guerrilhas do Terceiro Mundo para derrubar regimes opressores. Ao mesmo tempo, outra perspectiva da Bíblia é que toda vida humana é sagrada. Colocando estas perspectivas na balança um contra outro é sempre tarefa difícil. Por isso decisões morais cristãs são feitas por um esforço de considerar todas estas perspectivas na própria tensão entre uma e outra.

†Parênese significa “Admoestação para uma conduta correta”. Introdução ao Novo Testamento, E. Lohse, pág. 36.